



## **A CONSTRUÇÃO DO OBJETO A PARTIR DAS CATEGORIAS GÊNERO E RAÇA: NOTAS INTRODUTÓRIAS DE UMA PESQUISA**

Tamires Giorgetti Costa<sup>1</sup>; Elisabete Figueroa dos Santos<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Psicologia; Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, [tamiresgiorgetti@yahoo.com.br](mailto:tamiresgiorgetti@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia; Centro Universitário Central Paulista - UNICEP, São Carlos, [bete.figueroa@gmail.com](mailto:bete.figueroa@gmail.com)

Sabe-se que a adolescência é um processo resultante da interação biológica, cultural e psicoemocional, relacionada também às circunstâncias socioeconômicas, dentro de uma cultura em específico. A sexualidade humana se desenvolve sobremaneira, colocando algumas questões e especificidades à vivências adolescentes. Ao crescer-se à adolescência situações de gravidez, é cabível questionar as expectativas e representações colocadas para a mulher e perante a mesma. A sexualidade e a reprodução nesse contexto são compreendidas como sinônimos, em que o exercício dessas “funções” são cabíveis à mulher, cujos papéis tornam-se restritos: ser esposa e mãe. Diante disso, esse trabalho trata-se de uma reflexão teórica feita a partir de uma revisão bibliográfica, que integra uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento, cujo objetivo geral é identificar as repercussões subjetivas que são desencadeadas ou estariam mais fortemente ligadas à maternidade solo em adolescentes negras. Essa revisão bibliográfica foi realizada nos primeiros meses de vigência da pesquisa, nas bases de dados Scielo e Pepsic. O estudo em questão propõe-se a compreender o objeto - sujeito por meio da Teoria das Representações Sociais, suas inscrições de gênero e raça, suas perspectivas amorosas e sexuais. Verificamos, a partir de compreensões e elaborações advindas da análise da literatura, que muitas vezes, a gravidez é colocada como um fator de risco, dependendo do histórico de vulnerabilidade da adolescente. Entretanto, é ainda plausível abordar o significado dessa ocorrência, que pode tornar-se variável conforme as circunstâncias em que acontece. O exercício solo da maternidade não se refere a um sinônimo de “mãe solteira”, apesar de ser mais associado a mulheres que exercem suas maternidades sem contar com a divisão de tarefas e responsabilidades com parceiro (s), mas que também pode ser exercida por mulheres que possuem parceiros, porém, vivenciam um fenômeno de responsabilização (quase) total por todas as questões que remetam aos cuidados dos filhos – isto porque a sociedade patriarcal estabelece um modelo nuclear de família, difundindo títulos e atribuindo tarefas. Nessa medida, ao relacionarmos a situação de maternidade solo à questão étnico-racial, tomando como referência adolescentes negras, verificamos a escassez de estudos presentes na literatura que tenham se debruçado sobre tais recortes, o que salienta a necessidade de inserirmos a categoria raça no debate sobre maternidade solo e gravidez na adolescência. Raça é apontada como uma categoria capaz de tornar pessoas mais vulneráveis a determinadas situações, como menor escolaridade, ocupações informais e menos remuneradas, menor acesso a serviços de saúde etc. Constata-se que existe uma interseccionalidade entre gênero, raça e adolescência, posto que, a gravidez na adolescência tende a se relacionar com as vivências de adolescentes negras, de modo a intensificar suas situações de vulnerabilidades e torná-las mais propensas ao exercício solo da maternidade. Diante disso, procura-se, nesta pesquisa,

interligar os aspectos sociais e subjetivos trazidos pela adolescência, relativos ao estabelecimento de gravidezes e maternidades, com a inscrição racial e a invisibilização da mulher negra, a *antimusa*. Deve-se apontar o objetivo de colocar tais delimitações e construções teóricas em questão no trabalho de campo que será feito na sequência da pesquisa.

**Palavras-Chave:** Adolescente negra. Maternidade solo. Subjetividade.